

Os fluxos de capitais dos BRICs para o mundo (2000 – 2012)

SCHIOZER, N.A.B (nikolas.schiozer@hotmail.com) Orientador: OLIVEIRA, G.C

Agência Financiadora: Serviço de Apoio ao Estudante (SAE)

Palavras-chave: Economia internacional - BRICs - fluxos de capitais



INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O acrônimo BRICs designa as economias do Brasil, Rússia, Índia e China. Estas economias, com destaque à China, apresentaram elevadas taxas de crescimento na década de 2000, aumentando a sua participação no PIB global de 8% para 20%. Além disso, todas passaram por reformas de abertura econômica, em maior ou menor medida, a partir da década de 1990. Esses dois fatores, associados à conjuntura internacional benigna que vigorou na década de 2000, contribuíram sobremaneira para o diferenciado desempenho econômico apresentado por essas economias. Tais países também acumularam, ainda que em diferentes magnitudes, expressivas reservas internacionais ao longo desse período, tornando-os importantes investidores globais. De 2000 para 2012, os BRICs aumentaram substancialmente a participação nos fluxos de investimento externo direto (IED) mundiais, de 0,55% para 10%, e as expectativas são de que essa participação continuará crescendo. Assim, a pesquisa buscou contribuir para a compreensão deste novo fenômeno.

OBJETIVO

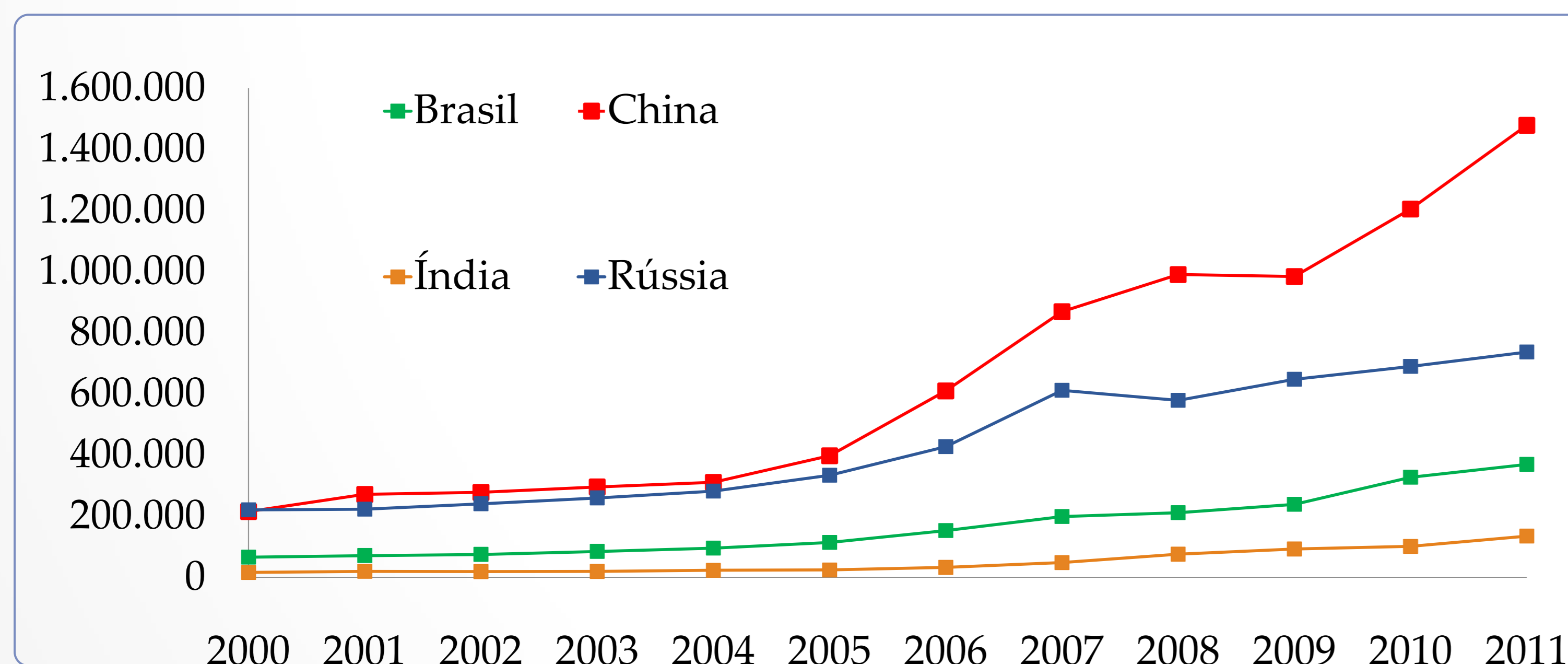
Analisar o comportamento, destino e composição dos fluxos privados de capitais dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) para o mundo durante a década de 2000, sendo o fluxo privado constituído pelo investimento externo direto, em carteira e outros.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou duas abordagens complementares de análise, a saber, histórico-evolutiva, com a seleção e revisão de bibliografia, e empírico-quantitativa, coletando informações em bancos de dados e construindo gráficos e tabelas.

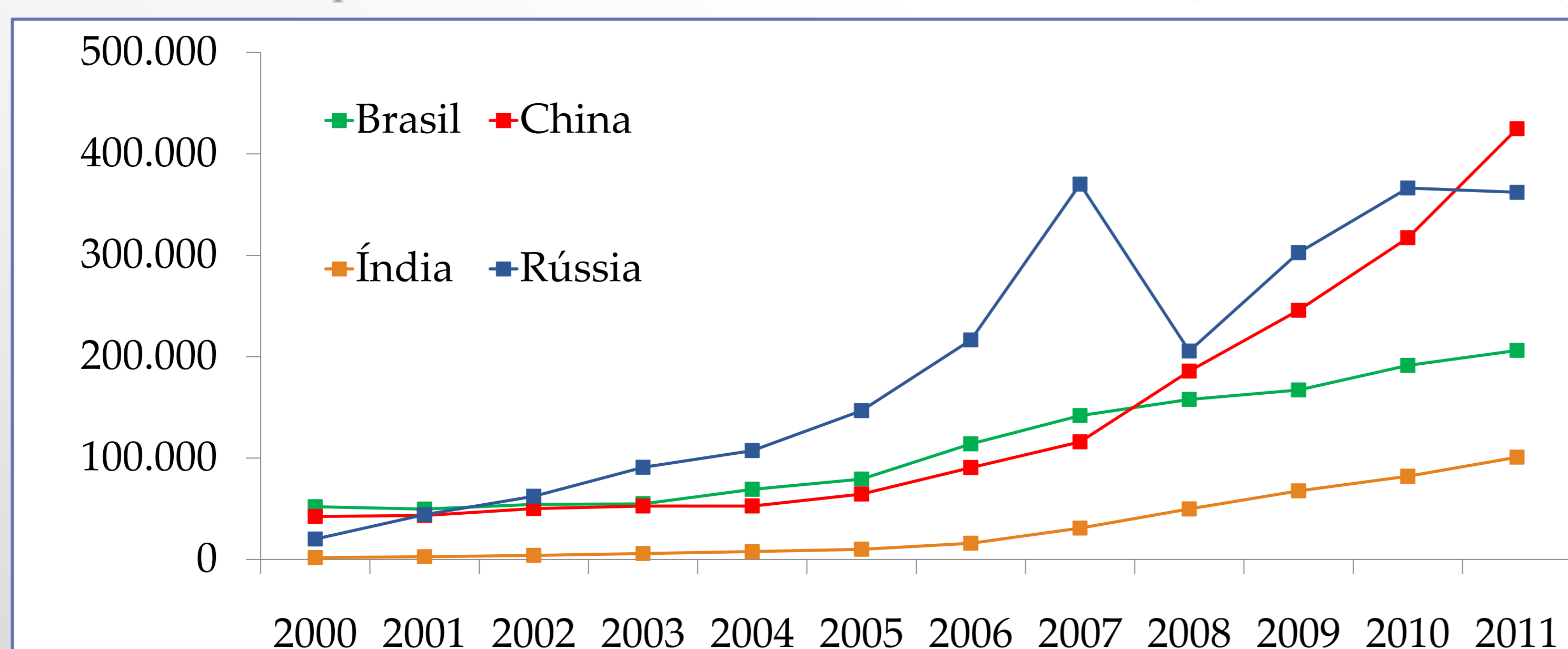
RESULTADOS

Gráfico 1. Estoques de ativos no exterior dos BRICs (em milhões de US\$)



Fonte: Banco Central do Brasil, da Índia e da Rússia. Ministério do Comércio da China (MOFCOM).
Elaboração própria.

Gráfico 2. Estoque de investimento externo direto dos BRICs (em milhões de US\$)



Fonte: Banco Central do Brasil, da Índia e da Rússia. Ministério do Comércio da China (MOFCOM).
Elaboração própria.

RESULTADOS

- Tendência de crescimento do fluxo agregado de capital dos BRICs, com destaque para a China.
- As principais modalidades de fluxos são o IED e Outros. Investimentos de carteira têm mantido valores menores e não apresentou crescimento significativo no período estudado.
- A participação no estoque de ativos é bem desigual. Primeiro vem a China, seguida de Rússia, Brasil e Índia.
- O país que apresentou a maior taxa de crescimento do estoque de ativos no exterior foi a Índia, seguida de Brasil, China e Rússia.
- O IED é dirigido para os países avançados e para suas respectivas regiões, mas com expressiva participação dos paraísos fiscais.
- O objetivo do IED é pela busca por mercados, ativos estratégicos e recursos naturais.
- O estoque de Outros Investimentos, compostos basicamente por empréstimos bancários, demonstrou a busca por ganhos de arbitragem cambial e de diversificação de carteiras de ativos com o objetivo de reduzir riscos.

CONCLUSÕES

O IED dos BRICs é feito por suas grandes empresas transnacionais em busca de competitividade e/ou recursos, direcionando este fluxo para os países que ofereçam a melhor relação entre vantagens locais e incertezas que acompanham o investimento. Os Outros Investimentos foram a principal modalidade de investimento dos BRICs no período estudado, mostrando taxas de crescimento elevadas. Os investimentos em carteira não mostraram um crescimento significativo na última década, mantendo valores baixos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMANN, R. CANUTO.O, GONÇALVES.R , *Economia Internacional: teoria e experiência internacional* – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004 – 3ª impressão
- O'NEILL, J. *Building Better Global Economic BRICs* – Goldman Sachs Global Economics Paper No: 66, 2001.
- SAUVANT. K.P, *New Sources of FDI: The BRICs* - Revista World Investment&Trade, vol.6, no 5 (Outubro de 2005), Genebra, pp.639